

Opinião

“Por que você foi demitido?”

Tenha certeza: o selecionador fará essa pergunta e é preciso saber respondê-la

Profissionais demitidos e que estão fazendo contatos ou participando de processos seletivos sabem quão difícil é enfrentar o infalível rito do questionamento sobre as razões que ocasionaram a demissão. A pergunta surge logo nos primeiros momentos do encontro, e a inadequação da resposta pode comprometer todo o desenrolar da entrevista. Estar preparado para explicar com clareza os reais motivos do desligamento é um exercício essencial para os candidatos.

A demissão está relacionada a questões como exclusão, rejeição, marginalização. Embora sejam sentimentos que nos acompanham desde sempre, poucos são os que sabem lidar com eles. Além disso, o rebaixamento da auto-estima que vem na seqüência acaba por abalar a imagem de si mesmo, embaçando a compreensão da realidade.

O desligamento dói, machuca, constrange. Nem sempre a justificativa da demissão tem coerência com as avaliações de desempenho do demitido – o que gera revolta e incerteza. Via de regra, o demissor não está preparado para comunicar os verdadeiros motivos da dispensa, e os aspectos omitidos muitas vezes são passíveis de interpretações subjetivas.

Equivocadamente percebida por muitos como sinal de inadequação ou incompetência, a demissão exige dos indivíduos firmeza e confiança para encarar a situação sem se deixar abater. Ao medo de “assumir a incompetência” e perder oportunidades, o demitido deve contrapor a busca do autoconhecimento. Só a tomada de consciência quanto aos

pontos fortes e vulneráveis será capaz de fazer frente aos novos desafios.

Como lidar com a demissão? A primeira atitude é respeitar-se, concedendo a si mesmo o tempo necessário para que os sentimentos se acomodem. Paralelamente, deve-se buscar ajuda especializada ou contar com o apoio de alguém maduro para, de forma insenta, do ponto de vista afetivo, fornecer feedbacks autênticos e construtivos.

É inequívoco que a responsabilidade por gerir a carreira cabe ao profissional, não podendo ser delegada ao empregador. Da teoria à prática, no entanto, ainda há muito a ser feito. Mais do que nunca, o executivo tem de assumir as rédeas do destino, buscando uma auto-avaliação que favoreça seu reposicionamento. Só assim ele terá condição de fazer escolhas conscientes e consistentes, firmando-se como dono e condutor de sua carreira.

Em tempo: ser demitido faz parte da trajetória profissional. Recolocar-se, também. Respostas assertivas sobre os motivos do desligamento denotam maturidade e podem favorecer o desempenho durante entrevistas de emprego, abrindo novas perspectivas de trabalho, renda e realização. ■

Claudia Castagnino
Consultora de Carreira da Lens & Minarelli

Expediente ▼

Vida & Carreira é uma publicação bimestral da Lens & Minarelli Associados.

Ano 2 • Nº 6 • Abr/Mai 2004

Coordenação editorial: Nexo Comunicação Ltda.

Projeto gráfico e editoração: felici+designers

Impressão e fotolitos: Arizona Gráfica

Tiragem: 7 mil exemplares



Destaques ▼

Um dedo de prosa
 Quem crê, mesmo sem ver, traz consigo uma vantagem competitiva.

Entrevista
 Wellington Nogueira, fundador dos Doutores da Alegria, adverte: rir faz bem à saúde.

Arquivo Confidencial
 Há muita vida e carreira depois dos 40.

Opinião
 Ser demitido faz parte da carreira. Recolocar-se, também.

Empregabilidade: uma questão de atitude

O mercado de trabalho mudou significativamente. Ao longo dos últimos 20 anos, novas exigências foram incorporadas ao mundo organizacional, refletindo a expectativa de evoluções e aumentando a demanda por mais qualidade e produtividade. Nesse contexto, ganha o profissional que entende as regras do jogo e flexibiliza seu ponto de vista diante da realidade.

Hoje, empregabilidade não é mais um diferencial competitivo, e sim um pré-requisito para quem trabalha. Desenvolver essa qualidade requer um processo de transformação que ocorre de dentro para fora. O primeiro passo consiste em perceber que os novos tempos exigem a revisão de velhos conceitos e de antigos comportamentos em relação a segurança, emprego e remuneração. Não se trata de ostentar uma postura otimista, mas ter visão mercadológica, conquistando o próprio espaço.

Muitos já preconizaram o fim do

emprego tradicional. É um exagero. Ninguém duvida, porém, que posições com vínculos convencionais tendam a se tornar cada vez mais escassas, impulsionando outras modalidades de atuação e prestação de serviços. É imprescindível, portanto, estar aberto a mudanças e se preparar para enfrentar as demandas que surgem. A necessidade de atualização constante adquire, assim, contornos de condição mais do que necessária à sobrevivência da carreira.

O profissional alinhado com a realidade se posiciona como um provedor de soluções. Ciente de que o mercado de trabalho é um local de troca, busca expor suas competências, adaptando e conferindo novos usos a suas habilidades. Tem postura de aprendiz, demonstra prontidão e está empenhado com o esforço comum. Cuida também do networking, pois sabe que a rede de relacionamento constitui seu capital social.

Bom humor e atitude positiva fazem toda a diferença para a empregabilidade. Conhecimento e competência técnica não bastam: é preciso também entender de gente, investindo nas relações interpessoais. Solidariedade, autoconhecimento aguçado e melhor percepção do outro são elementos-chave para o sucesso profissional e pessoal, com impactos decisivos na vida e na carreira. ■





Quem crê, mesmo sem ver, traz consigo uma vantagem competitiva.

Subverter a máxima de São Tomé é hoje condição sine qua non para ampliar as chances de sucesso na carreira – especialmente em épocas de escassez, quando as oportunidades ficam menos visíveis. Aqueles que acreditam no próprio potencial e investem no autodesenvolvimento mantêm o foco e a concentração. Sabem aonde querem chegar, traçam metas e se habilitam a atingir os objetivos.

Quem adota a conduta de crer para ver percebe logo o quanto a atitude positiva e o bom humor interferem nas realizações. Neste espaço, nem preciso me alongar no assunto: a reflexão sobre empregabilidade no artigo de capa desta edição do *Vida & Carreira* e a entrevista com Wellington Nogueira falam por si só. No entanto, vale reforçar que a atitude determina o comportamento e, este, o resultado.

Quantas vezes já ouvimos alguém dizer “Viu, eu sabia que não daria certo”? A crença – ou melhor, a descrença – contamina a atitude, o que acaba por inviabilizar o sucesso. Por outro lado, acreditar no possível, mesmo que ele seja difícil e trabalhoso, desencadeia e justifica a mobilização da procura. Sem esse combustível, a batalha fica comprometida e as possibilidades de vitória tornam-se cada vez mais distantes. Quem crê, mesmo sem ver, traz consigo uma vantagem competitiva: a confiança necessária para buscar alternativas e visualizar oportunidades onde muitos só conseguem enxergar obstáculos.

O dito popular “Quem procura acha” complementa com maestria a máxima de São Tomé às avessas. Só mesmo acreditando, ainda que sem ver, somos capazes de mobilizar forças e energia para a procura de novos horizontes. Os resultados surgem como consequência natural e serão melhores e mais rápidos sempre que a busca for feita com técnica, respaldada por um trabalho sério e profissional.

José Augusto Minarelli

Banco de Talentos

Em busca de profissionais diferenciados?

Banco de Currículos de Executivos da Lens & Minarelli
www.lensminarelli.com.br/execdisp

Equipe de consultoras:

Tels. (11) 3365 0910 / 3365 0911 / 3365 0912

Entrevista

Rir é o melhor remédio

Doutores da Alegria dão lição de solidariedade

Transformar a ansiedade e o clima tenso do ambiente hospitalar em descontração e risos. Esse é o desafio de Wellington Nogueira e sua trupe, os Doutores da Alegria. Duas vezes premiada pela ONU como uma das 40 melhores práticas globais, a iniciativa nasceu em 1991 e já atendeu mais de 300 mil crianças hospitalizadas. Sem fins lucrativos, a instituição conta com um time de atores profissionais remunerados – todos especializados na arte do teatro clown, que demanda conhecimentos de mágica, malabarismo, mímica, improvisação, música e técnicas circenses. A seriedade do trabalho do clown é o tema desta entrevista com Wellington Nogueira, fundador do Doutores da Alegria.

Vida & Carreira: Como você conheceu a arte clown?

Wellington Nogueira: Com o sonho de trabalhar na Broadway, fui estudar teatro musical em Nova York nos anos 80. Além de técnicas da arte clown, aprendi que o palhaço é um exemplar típico de profissional autônomo. Auto-suficiente, ele pode montar seu espetáculo onde estiver. Nessa época conheci a proposta da Clown Care Unit, que congrega artistas treinados para levar alegria a crianças internadas em hospitais de Nova York. Cada vez mais envolvido, acabei por aderir ao grupo americano em 1988.

V&C: Em que momento você percebeu que esta poderia ser uma alternativa de carreira?

WN: Logo na primeira vez em que presenciei a atuação de um palhaço no ambiente hospitalar. Foi arrebatador. Percebi o sentido do artista na vida das pessoas. De volta ao Brasil, em 1991, coloquei à prova minhas habilidades de administração e gerenciamento, convencido da

necessidade de implementar no país um projeto semelhante ao americano. As portas foram se abrindo e os Doutores da Alegria passaram a ocupar um espaço inexplorado até então. Com planejamento estra-



Gladstone Campos / Realphotos

tégico e uma equipe afinada, conseguimos materializar nossa visão, transformando a idéia em negócio. Pessoalmente, a experiência se firmou como um processo de enorme aprendizado, fruto de 100% de dedicação.

V&C: Como a arte do palhaço auxilia a recuperação de crianças hospitalizadas?

WN: Uma integrante dos Doutores da Alegria costuma dizer que palhaços são anjos tortos, assim como as meninas e os meninos hospitalizados. Trata-se de uma relação horizontal, em que o artista interage com a criança de igual para igual, conectando-se com sua essência. Nossa missão é nutrir o relacionamento como forma de enriquecer a experiência humana.

V&C: A partir de 1993 os Doutores da Alegria passaram a realizar pesquisas para avaliar o impacto da atuação nos hospitais. Quais os resultados?

WN: O mais visível diz respeito às mudanças positivas no comportamento dos pacientes, que se tornam mais receptivos ao tratamento, o que acelera a recuperação. As pesquisas demonstraram também que, apesar do foco na criança, há uma intersecção significativa do nosso trabalho com o dos profissionais de saúde. Outra esfera essencial é a família dos pequenos doentes. A percepção da abrangência alcançada pelos Doutores da Alegria nos levou a interferir ainda mais na formação dos artistas, reforçando o aspecto profissional da iniciativa.

V&C: Além de talento para atuar, o humor é um recurso essencial nesse trabalho. Como é feita a seleção dos integrantes dos Doutores da Alegria?

WN: No início, o processo seletivo era mais artesanal. Com o tempo, a busca por profissionais se tornou mais objetiva, tendo as entidades da classe artística como importantes fontes de talentos. Considero a arte do palhaço uma profissão de futuro. Há um leque de possibilidades de atuação – no circo, no teatro, na televisão, no cinema e até mesmo em hospitais, como vêm demonstrando os Doutores da Alegria. ■



Divulgação

Arquivo Confidencial

Senhores de si

Quais as possibilidades de carreira para profissionais acima dos 40 anos? A pergunta é recorrente e aflige muitos executivos, assustados com o fato de as grandes empresas substituírem com frequência seus colaboradores mais velhos por jovens talentos. Essa é, de fato, uma realidade do mercado, o que não significa falta de espaço para a senioridade.

Empresas médias e pequenas e organizações emergentes mostram-se nichos propícios aos profissionais mais maduros. Necessitam exatamente da bagagem que eles têm a oferecer: tarimba e experiência de vida. Companhias em processo de reestruturação também representam boas oportunidades de trabalho e renda.

Exercer atividades auto-empresariadas constitui uma saída não convencional das mais interessantes. Outra possibilidade atraente é partir para um negócio próprio. Mesmo a aposentadoria não deve representar uma limitação. O bom profissional tem ainda muito a oferecer e pode dar continuidade à carreira, de forma produtiva e com mais liberdade. Como consultor, sua experiência certamente agregará valor aos negócios, podendo mesmo influir decisivamente para o sucesso de uma empreitada. ■